

Ao Abb. Dom Bonifacio Giacomo Baroffio

Il.mo Diretor do Instituto Pontifício de Música Sacra - Roma

07.06.1992

No momento de deixar, bem mais cedo do que poderia pensar inicialmente, o nosso Instituto, e como corolário de uma lista de factos que provocaram tantas interrogações no meu espírito, ao mesmo tempo que realmente me fizeram sofrer muito mais do que poderia esperar de um curso e de uma vida que queria viver, sinto em consciência o dever de transmitir ao Director do Instituto o meus pensamento não só enquanto estudante, mas também como sacerdote diocesano e responsável na Igreja.

As minhas atitudes em relação a muitas coisas na vida do PIMS são mais do que conhecidas. Além disso, não me surpreende o facto de muitas coisas terem sido ditas para além dos factos. Se por um lado se diz que “em Roma tens de ser romano”, por outro lado não me parece consistente concordar com tantas situações que revelam não romanidade, mas sim falsidade, mentira, tentativas de causar boa impressão, mesmo à custa da verdade e até dos direitos dos demais. Tenho a consciência tranquila pelo facto de nunca ter feito assumido ou praticado algo que talvez me desse satisfação e, quem sabe, mais alguns valores nas avaliações. Quando chegou a altura de dizer que não, fi-lo, mesmo com o coração partido de vez em quando.

Mais do que uma vez fui ter consigo para lhe dar a conhecer não tanto a minha tristeza por causa do que não estava bem, embora da sua parte, nunca o escondesse de nós; Também tentei reconhecer o que é realmente bom no PIMS, especialmente aquelas iniciativas que realmente significaram uma mudança no sentido de um Programa que o senhor mesmo estabeleceu na Prolusão de 22.10.1988. Confesso que, naquele momento, o seu discurso me tocou profundamente: ela era a resposta, em certo sentido, a muitas perguntas que me fui colocando em doze anos de atividade musical-pastoral antes de vir para Roma. Reli este discurso várias vezes, já falámos sobre ele entre nós os dois, e vejo que nas cartas por vezes escritas ao "povo" do Instituto, esse "leitmotiv" regressava; mas agora parece-me já acompanhado de uma pontinha de resignação que francamente lamento. Esse texto servirá como ponto de referência para a minha reflexão, sobretudo para dizer agora aquilo em que, na minha opinião, a Escola não corresponde e talvez se afaste mesmo de um programa e de um espírito de que já é tempo de serem o sangue de um Instituto Pontifício de Música Sacra.

PONTIFÍCIO: Se o termo Pontifício significa "um apelo para cumprir os desejos do magistério da Igreja", não me parece que esta Igreja seja exclusivamente romana no sentido geográfico, nem sequer tridentina no sentido teológico e litúrgico. Deus sabe o quanto sofria ao ouvir professores

rir-se das indicações de um Concílio Vaticano II, mais de vinte anos depois; quando ouvia falar da cultura de outras pessoas como uma produção do terceiro mundo. E, acima de tudo, ignorar que a dimensão *católica* da Igreja exige respeito pela sua universalidade e pela realidade concreta em todas as partes da terra. Não somos menos Igreja em Portugal, no México, na África Interior do que em Roma. Pelo contrário, posso dizer que encontrei coisas em Roma e também dentro do PIMS que pensei já não estarem lá há vinte anos. Musicalmente, a mentalidade é bastante ante-conciliar; em muitos casos anti-conciliar. Como posso aceitar (como padre que sou eu próprio) que os meus colegas gozem comigo pensando que têm o direito de avaliar o que fazemos, num sentido que pode determinar as nossas vidas? As dioceses, os bispos, a Igreja, acreditam, confiam em nós. Mas aqui parece não merecermos essa confiança: por este sentido de Igreja e de Música Sacra, nem sequer por muitas outras coisas a que me referirei. "Ser o sinal tangível do cuidado pastoral da Igreja de Roma para com as igrejas irmãs..." isso não significa superar aquele espírito colonialista que impede de seguir um estilo de música num Instituto de Música Sacra que não seja o italiano, citando autores italianos, certamente bons, e tentar ignorar tanto do que já foi feito noutras paragens, que também merece estudo e avaliação, e não ser colocado de parte. "O horizonte universal das preocupações de Pedro" expresso pelo qualificador *pontificio* não se concretiza estudando uma única forma de expressão musical; nem sequer pensar nas igrejas dos nossos países à imagem da Basílica de São Pedro, ou de qualquer mosteiro.

INSTITUTO: Com esta palavra referia-se a um centro da vida comum. Verdade, belo, formativo, certamente. Mas não acredito nisso. Aliás, o meu bispo não me permitiu a residência no PIMS (Mosteiro de São Jerónimo) porque também estamos interessados em manter a comunidade do Colégio Português em Roma. No início, lamentei não ter respondido ao seu convite para viver nas instalações do Instituto. Hoje, no entanto, acho que foi melhor assim. Não é possível formar uma comunidade com pessoas tão diferentes, padres e leigos, homens e mulheres, de idades tão diferentes... de latitudes tão diferentes, com interesses tão diferentes, compromissos tão diferentes na Igreja, etc. Além disso, o ambiente de irresponsabilidade que geralmente se nota existir dentro do Instituto, de modo especial por quem vem de fora, não nos convida a acreditar na viabilidade de tal projeto: sei que isso é algo que deseja muito, mas deverá ser repensado, mas nunca à maneira de um Seminário ou de um Mosteiro. Muitas das comunicações que tornava públicas sobre a vida e funcionamento do Instituto referiam-se sobretudo a problemas de natureza interna e disciplinar, o que era muito estranho para quem consultava todos os dias o quadro de informações e avisos... E depois, certas regras ao nível escolar, que afetavam todos os estudantes, eram demasiado favoráveis para quem vivia lá dentro, tanto no caso dos horários como no caso de muitas iniciativas que implicavam viagens e consequente desperdício de tempo para todos nós: ensaios, missas, uso de ferramentas e biblioteca, etc. Tudo era

pensado com se todos aqui vivessem... Além disso, observei que normalmente se perdia muito tempo à espera dos internos, quando não eram eles quem mais faltava às aulas comuns. Quanto a isto, nunca percebi qual era o objectivo sequer de o próprio Diretor vir anotar as presenças. No fim de contas, eram os "espertos" faltosos que lucravam com isso. Não recordo que tenha havido quaisquer consequências. Não sou a favor da punição ou do castigo, do castigo; mas sou a favor da justiça, da igualdade de direitos e deveres.

Como sabe, nem mesmo a igreja ou capela do Instituto reúne as condições para uma verdadeira liturgia de uma comunidade como esta. Algumas vezes em que fui participar nas celebrações, e inicialmente pensei que iria frequentemente, vi sobretudo uma preocupação técnica, onde se vivia uma preocupação com os neumas mais do que com a liturgia, a oração, a escuta da Palavra. E isto porque as celebrações litúrgicas são demasiado improvisadas, as pessoas não estão preparadas, mujitos chegam à celebração sem sequer conhecer a página do *Triplex*... Está-se mais preocupado com os testes ou trabalhos de casa... Como não há "notas" para a participação litúrgica (mas há medo do Diretor quando ele está presente...) as coisas seguem como calha. A última celebração em que estive presente, a 31 de Maio, foi a mais próxima e um dos exemplos mais significativos disso mesmo. E os interesses ali eram tudo menos litúrgicos: era necessário sobretudo cantar bem duas peças de Palestrina. Meu Deus, acho que deverámos ter o nível de preparação e a qualidade para fazer uma *Missa* assim com dois ensaios...

"A vida no Instituto revela a beleza das relações vividas com total sinceridade", diz o senhor a certa altura. Isto é insuficiente: na verdade, as pessoas vêem-se aqui como concorrentes. Não concorrentes saudáveis, capazes de se desafiar a si próprios e ajudando o outro a subir em busca da verdade e a trabalhar como deve ser. Por vezes, procura-se com palavras e atitudes ambíguas, que o outro não vá mais longe do que nós. Isto caracteriza para mim a vida académica do Instituto e foi o que mais me impressionou. Se alguém não estuda muito, se faz algo que não provoque, é "bom", é humilde, é alguém que não olha apenas para livros... Se alguém tentar avançar – até devido ao peso económico que constitui para as nossas dioceses estudar tantos anos em Roma: em relação ao meu país três vezes mais; e devido à responsabilidade pastoral de uma ausência prolongada num cargo que não é facilmente substituível – então é um "fanfarrão". No entanto, o baixo nível de qualidade que o Pontifício Instituto de Música Sacra oferece atualmente, em relação à vida musical na Europa e no mundo, depende precisamente disso. Quando cheguei ao Instituto encontrei muitos orientadores, pessoas que me diziam acima de tudo para ver as coisas à maneira italiana (eu não percebia...), que este ou aquele tinha saído sem terminar os cursos porque discordava deste ou daquele professor. Apresentaram-me deuses, em pedestais de uma fama que para mim deveria ser demonstrada, mas que, de certa forma, me confortava pela vontade de aprender e pelas desilusões que já tinha experienciado.

Estava e estou consciente dos meus limites, mas acho que também tenho qualidades, e garanti isso nestes quatro anos de experiência. Infelizmente, muitos dos deuses eram verdadeiros ídolos, mas cortejados por um simpático grupo de padres...

Por várias vezes, nós (estudantes) tomámos posições relativamente à vida do PIMS. Por vezes as nossas posições eram adulteradas; por vezes chegavam até nós orientações vindas do Diretor envolvidas em preconceitos, e por vezes sequer chegavam porque não acredito que o Diretor seja insensível a certos problemas que iam surgindo e, mais de uma, vez intervim eu próprio porque os chamados "delegados" tinham medo de falar, de lhe colocar as questões... Nunca esquecerei certas experiências que arruinaram a minha saúde, me privaram de sono, causaram feridas que não curavam facilmente: até acusações de racismo. Nunca compreendi o estatuto dos "delegados dos estudantes": em qualquer escola, os Delegados são porta-voz dos estudantes perante os superiores, os professores; são escolhidos, anualmente, pelos próprios alunos. Durante quatro anos sempre vi as mesmas pessoas, nomeadas pelo Diretor, que a maioria dos alunos (que vieram depois de mim) não reconhecia como tais. Mas o mais incrível é o facto de ter tido de ir várias vezes ter com o Diretor, bem como com outros professores para resolver problemas. E a sua pergunta habitual era: porque não mo disseste antes? Agora pergunto: para que servem então os "delegados"?

"Aqueles que vivem entre nós são irmãos e irmãs a serem amados, ajudando-os a melhorar, a dar sempre o melhor de si mesmos..." bontinua. E é verdade: mesmo neste ponto e nas suas implicações, haveria muito a dizer: a ajuda, lá na escola, parece uma ofensa: há quem pense que os "melhores" alunos não têm mais nada para fazer além de estarem dispostos a ajudar nos trabalhos ou mesmo a fazê-los pelos outros; até *Teses* fui desafiado a fazer... há quem pense que ajudar significa ter as mesmas horas de estudo para toda a gente, esquecendo que todos têm o seu trabalho. No entanto, mesmo neste caso há injustiças: há quem pense que eu me recusava a ajudar os outros... Penso que não devemos divulgar a nossa disponibilidade, pois isso pode tornar-se arrogância ou até ofensa. Da minha parte, nunca mandei ninguém para casa sem fazer tudo o que podia; e posso dizer que talvez seja uma das consolações que posso levar comigo: ter sido útil a muita gente. E repare que trabalhei gratuitamente, o que nem sempre acontecia e ainda acontece neste mundo romano, e até dentro do PIMS... Mas há também o outro lado da moeda: há aqueles que não pedem ajuda para não demonstrarem ignorância (e isto mesmo nas aulas, quando um Mestre pergunta sobre eventuais dificuldades: o senhor mesmo teve essa experiência...), aqueles que nunca mostram nada, não por humildade, mas por medo; aqueles de quem se imagina que sabem muitas coisas porque ainda não tiveram de as demonstrar. Esta é uma das mentiras mais graves no nosso PIMS. E há aqueles que precisam de ajuda, que a pedem, mas nos solicitam o total anonimato. Posso confessar mesmo: o que mais lamento na minha estadia aqui foi não ter conseguido encontrar alguém com quem pudesse

realmente falar sobre música; só um pouco nos últimos meses... Mas não é para me queixar, porque até os mestres se lamentam do mesmo...

"À incompetência predominante, mãe e filha da arrogância e orgulho, o Instituto opõe as armas de uma formação profissional qualificada, aprofundada e firme, que sabe medir os seus limites, mas também sabe fornecer generosamente ao crescimento comum a sua própria e específica contribuição": Isto merecia um livro inteiro, mesmo com o que vem a seguir. Não sei como se pode chegar lá com programas que ninguém entende bem; com uma estrutura de ensino expirada, com uma filosofia de ensino que não corresponde às qualificações de uma escola com o nome do PIMS. Os quadros docentes não estão completos e as qualificações dos professores deixam dúvidas em muitos casos. A articulação dos programas e horários não permite fazer nada bem porque é preciso fazer tudo ao mesmo tempo. O horário escolar mantém-se igual todos os anos, mesmo que o número de alunos tenha duplicado ultimamente. A distribuição horária é definida em função dos professores e não das possibilidades dos alunos, estando limitada a mais ou menos três dias por semana. O tempo para preparar os trabalhos de casa não é suficiente, especialmente no que diz respeito à Composição musical. Os objectivos dos cursos não são muito claros. De que serve a um mestre de capela do Brasil, ou das Filipinas, ter aprofundado a escrita de códices italianos, mesmo que sejam belos e interessantes? Será que um musicólogo que talvez passe os seus dias entre códigos e partituras precisará de uma preparação ao nível do contraponto ou de um baixo temático fugato? Significa que mais tarde se considerará um ilustre compositor para a liturgia sagrada mesmo sem o ser... Nunca compreendi um curso de composição sacra em que a música instrumental não seja tratada... isto é, as respetivas formas: sonata, prelúdios... e também a fuga instrumental vista aqui apenas nos cânones da escrita vocal. A música vocal é tratada ao nível das formas, com temas definidos, etc. Mas não é ensinado como preparar um Coro... Não se estuda como compor uma simples melodia... Não basta dizer que mais tarde se aprende... Isto também, embora difícil, deve ser ensinado. Para o restante, em muitos casos bastaria consultar os *Tratados*. Em suma, não me parece que a música seja ensinada tanto aqui; Ensinam (e isto muito bem!) a fazer os trabalhos de casa... preparar exames... conferir diplomas e títulos a pessoas que nem sequer têm sentido musical, completamente desprovidas de bases, cuja preparação não é suficiente para dar sentido a uma vida musical litúrgica, à qual somos chamados. Para muita coisa que aqui se aprende não é necessário frequentar um Pontifício Instituto de Música Sacra; pode aprender-se em qualquer academia ou conservatório.

O que a música deu à cultura nos últimos anos é ignorado, diria que em alguns casos é mesmo ridicularizado: não diria para a seguir sem mais; não sabemos ainda o que podemos retirar dela; mas desta Escola esperava não um julgamento malicioso (e penso que nem sempre é

totalmente fundamentado), mas sim a possibilidade de obter pelo menos a possibilidade de as recusar mas com fundamento. Em vez disso, cuspem... (gestos públicos à frente de estudantes complacentes!!) Há pouco tempo faleceu Olivier Messiaen morreu: não se falou nada sobre isso na escola... Uma conversa que provoquei, com uma questão proposta, tornou-se uma discussão da qual, como sempre, somos considerados imaturos, ignorantes, "imunodeficientes" face a estes perigosos vírus de cultura que devem ser combatidos. São opiniões pessoais? Talvez, mas não de alguns, pelo contrário, das únicas pessoas que podem falar (os outros vivem em referência a favor ou contra...), e com seguidores ao nível dos estudantes, também porque é melhor não provocar quem nos vai examinar depois ... E se, com um sorriso concordante de conseguir apanhar mais um valor mais, tanto melhor. Isto também tem a ver com a mentira de que falei há pouco.

A diferença entre estudantes *ordinários* e *extraordinários* não é clara na prática. Concordo que oportunidades iguais devem ser dadas a todos, mesmo àqueles que não têm uma preparação básica. Mas isso não significa que os alunos *extraordinários* possam fazer o que querem, faltando sistematicamente às aulas em grupo, tirando tempo e lugares durante anos e anos, à custa daqueles que não só querem, como têm de seguir um curso do qual serão responsáveis perante os seus superiores. Há aulas em que todos os dias, todos os meses, todos os anos se repetem as mesmas coisas (por exemplo, Polifonia) precisamente por esta razão. Acho que também deve haver coragem para dizer àquelas pessoas que não são realmente capazes para procurarem outros lugares onde talvez encontrem um ensino mais adequado. Não podemos perder tempo num curso de Harmonia a ouvir lições de Solfejo, num curso de Canto Gregoriano a repetir os tons salmódicos ou a ler as notas, nem sequer num curso de Fuga ouvir pela centésima vez como se faz um encadeamento harmónico. Não se pode fazer *música de conjunto* ensaiando música da mesma forma que se trabalha numa paróquia sofejando as partituras, nem pode esperar dirigir polifonia quem nem sequer sabe mover os braços. Tudo tem o seu lugar, e penso que nem tudo tem o lugar no PIMS.

Isto também tem a ver com exames, etc. Penso que o facto de fazer exame de um curso não deveria significar acesso automático ao seguinte. Um exame da harmonia, feito nas condições mínimas (mesmo com um pouco de caridade e compreensão), não pode significar que se possa enfrentar o desafio da *Romanza* ou *Fuga*. Como pode fazer um trabalho de composição de uma *Romanza* quem nunca tocou uma peça do género? Nem sequer um curso complementar de órgão com um programa mínimo deveria significar que, ao fim de quatro anos mal aproveitados se tenha necessariamente um título de organista litúrgico... Acho que é sobretudo injusto que pessoas que nem sequer têm um quinto de piano, com programas de segundo ano, vão para casa com um curso de órgão litúrgico ou algo assim... Também não acho correcto levarem para casa um diploma de Magistério em Canto Gregoriano pessoas que não sabem fazer uma peça gregoriana do princípio ao fim. Sei que do senhor está a enfrentar este problema seriamente,

mas há demasiadas coisas que não ajudam realmente a ter uma sensação de seriedade nesta Escola.

Fala-nos dos exames? Quase diria que é uma lástima, para não dizer um escândalo. Não acredito que o "sigilo" relativamente às provas tenha sido sempre respeitado, pelo contrário, tenho provas em contrário: como entender que uma pessoa que pensa que desistir de um exame no momento da candidatura aparece depois avaliada em 9 ou mais pontos? Isto já aconteceu mais do que uma vez... E essas pessoas, nos anos que se seguiram, continuaram a revelar uma verdadeira falta de preparação. Existem casos em que os *testes* foram feitos por outros? Como se pode fazer um exame de instrumentos com duas ou três peças estudadas? Como se pode compreender um curso insistindo sistematicamente nas mesmas coisas (as mesmas para todos) para preparar, por assim dizer, receitas com um efeito garantido? Mais vale parar... O significado dos valores e avaliações mesmo que não seja tão importantes (toda a gente diz isto, mas honestamente eu não acredito), não deve ser entendido dentro dos limites de uma inteligência mediana: assistimos a resultados de uma diferença de 1, ou 2 pontos entre pessoas que nem sequer poderiam ser comparadas. Tanto enquanto aluno como enquanto professor, nunca aceitei favorecer os fracos à custa dos outros. Se eles devem ser favorecidos (e penso que sim, em circunstâncias atenuantes, com diferentes oportunidades, o que sei eu?), sem passar por cima da justiça do "a cada um o que é seu" que considero do mais elementar sentido moral.

Durante estes quatro anos, tentei pessoalmente absorver o máximo possível dos ensinamentos recebidos nas aulas e mesmo em simples conversas com professores e colegas. Pensei que poderia ajudar a subir o nível, mesmo consciente das dificuldades que existem. Acho que atingi um nível satisfatório nas coisas para as quais fui desafiado. Os mestres podem confirmar isto. No fim, no entanto, acho que fiz um pouco de parvo... E sinto-me enganado o que não só me desagrada pessoalmente, como faz com que as pessoas saibam que não vale a pena trabalhar muito ou pouco. Diz que "o Instituto não é uma instituição de caridade que doa principalmente títulos a um bom preço"... De tudo o que relatei, e creio que concordará comigo em grande parte, pode-se deduzir exatamente o contrário: o que tem a ver com a música litúrgica, diria com a Igreja, encontrarmos aqui tanta gente que vem à procura de um Magistério em Canto Gregoriano para ter habilitações de professor?... Não é uma "fábrica de professores de música"! Na verdade, não diria que daqui surjam verdadeiros "mestres" em música, com aquela facilidade com que se fala disso no ambiente escolar; mas muitos, não só recebem o título, como o usam! Concordo consigo quando escrevia na última comunicação, sim, não me engano, que não é importante tocar bem os prelúdios se não se sabe usar o órgão na liturgia... que não basta compor coisas belas se não se possuir aquele espírito que faz da música uma oração... Claro, mas isto é só o mínimo. Ou poderá ser que o sagrado ou litúrgico signifique de baixo nível? Voltaremos a este ponto.

O tempo passado no Instituto deve ser "um tempo de encontros fortes que ajudem a pessoa a realizar-se a si própria, vivendo o ascetismo do estudo, momentos de alegria fraternal, espaços para oração comum." Desde há algum tempo, o Instituto tornou-se, para mim e para muitos que infelizmente têm medo de o dizer publicamente, quase um pesadelo, um lugar onde algumas pessoas não se cumprimentam, onde as coisas relativas à vida na instituição e no ambiente escolar parecem controladas por uma espécie de máfia. Usei linguagem dura, talvez demasiado dura, mas, infelizmente, não há nada mais adequado. Já foi dito, e concordo num certo sentido: enquanto cá estiver este ou aquele, esta ou aquela, esta Escola nunca poderá funcionar como deve ser. Não acredito, conhecendo-o como penso conhecer, que coisas que aconteceram dentro das paredes do Instituto sejam da sua responsabilidade. Certas posições, escolhas, opções, orientações, olhos fechados, não penso que correspondam à posição do Diretor. Acho que demasiadas coisas foram feitas em nome do Diretor, que não podem ter tido o seu acordo e eventualmente escaparam ao seu conhecimento.

MÚSICA: "A nossa tarefa é alcançar a mestria técnica para libertar a expressividade do coração e fazer das notas o veículo da nossa profunda comunicação": estas palavras resumem um programa inteiro tão belo quanto profundo. Espero que não seja esquecido e que em breve seja posto em prática. Acho mesmo que um dos maiores problemas actuais do PIMS é a incapacidade para ali se encontrar esta vida musical em que "nos dizemos com notas..." Antes de mais, é necessário ver que música, que Verbo, que homem, que Deus transmite a si próprio. Voltando a Santo Agostinho, encontramos essa ideia da "*via nova, viator novus, canticum novum*"... Mas aqui a música que se aprende e pratica (trabalhos de casa, ensaios, perspectivas...) é a de há cem anos, para se ser bastante generoso. Concordo com a opinião de que cabe à escola fornecer o básico... bom; mas não acho que o básico seja o mesmo hoje e há duzentos anos... Não podemos limitar a música sacra a Palestrina (e não acho correto que toda uma formação académica dependa dos caprichos de um mestre, por mais genuínos e de qualidade indiscutível que sejam), nem fazermos um curso de *Romanza*, por exemplo, permanecendo em Mendelssohn, mesmo que seja mostrada, por vezes, outra coisa; é demasiado pouco; imagine-se esses compositores a pensar assim... Não acredito que a maioria, senão todas as pessoas que conheci no Instituto, tenham a oportunidade de abordar o repertório musical para além do Romantismo com alguma dose de certeza; que o digam sinceramente os nossos professores; parece-me que cabe à escola sobreviver, fazer com que o que existe em nós dê frutos (se nada existir, então é melhor sair...) e orientar uma prática que sozinha seria difícil, se não arriscado, enfrentar. Mas, pelo amor de Deus, não nos limitemos a dizer o que foi dito mil vezes, a escrever toneladas de papel musical enquanto ingenuamente ficamos com a ilusão de ter feito uma obra-prima...

No que diz respeito à prática musical no Instituto, nos últimos anos, temos visto, em vez da mestria técnica no sentido de a eliminar o mais rapidamente possível para comunicar, a preocupação de fazer brilhar as capacidades deste ou daquele professor que, talvez deixando de lado tudo o que é a opinião dos outros... aponta esta e aquela peculiaridade enquanto os pobres estudantes vão sendo cobaias... de experiências de desfecho duvidoso. E como é que não podemos falar de programas muito criticados para mostrar não sei o quê?... Normalmente as coisas não são assimiladas, de facto parece-me que uma boa parte dos nossos professores nunca ouviu falar de Pedagogia. Mas é isto que é necessário na música... E depois parece-me que eles não notaram a evolução, diria eu, o actual progresso da ciência musical ou pelo menos o facto de a música se ter tornado um produto de consumo generalizado. Isto significa que o sentido crítico das pessoas cresceu, as necessidades em relação à qualidade da música sacra também aumentaram, os *mestres de capelas* não são de todo pessoas intocáveis. Talvez muitas pessoas não saibam o que é uma sétima diminuta... mas conhecem as Sinfonias de Beethoven e Brahms, ao contrário da maioria dos alunos do Pontifício Instituto de Música Sacra. Falta um verdadeiro contacto com a música, aquela que se ouve, aquela que é feita ao vivo (mesmo que não seja da mais alta qualidade), aquela que agora entra no orçamento mensal de muitas famílias leigas, no sentido musical.

Confesso que sempre reparei com preocupação na ausência de estudantes do PIMS nos concertos na cidade que procurei frequentar. Não creio que fossem aos que eram pagos, onde eu não estava (preferi comprar as partituras, e fiz uma boa coleção delas com a orientação sábia do meu professor de composição...). Muitas vezes, mesmo nos concertos organizados pelo Instituto os próprios alunos primavam pela ausência... porque tinham de fazer os trabalhos de casa... E depois, pergunte-se ao bibliotecário quantos livros, partituras, foram solicitados pelos nossos estudantes para procurar, estudar... além das leituras obrigatórias feitas pelo professor de Canto Gregoriano ou Liturgia e que eram vistas na sala de leitura. Não se pode estudar música prestando atenção apenas aos trabalhos de casa... Não se faz música só fazendo baixos cifrados, nem sequer martelando indefinidamente e da mesma forma dezenas de baixos contínuos para agradar ou dar uma sensação de utilidade a alguém... Lancei por aí a *boutade*, em tom de brincadeira, mas repito agora, a sério, que a música da nossa escola é realmente caracterizada por um "baixo contínuo", apenas já não é contínua, é antes um rebaixamento progressivo se assim continuar... "No Instituto forma-se músicos: pessoas que compreendem a música, a amam e vivem por ela" – diz. Mas, na verdade, aqui não compreendem a música, mas sim "certa música"; os nossos alunos não a amam, ou melhor, diria que a matam; e muitos vivem realmente à procura do que Messiaen definia como uma *prostituição da música*.

SACRA: Não se pode falar de música sacra se não se fala primeiro de música... Na palavra do Concílio, deve ter *santidade e perfeição de forma*, mas esta inspira-se naquela. Sempre tive interesse pessoal pela relação entre música e teologia; fiz dela o tema da minha tese de licenciatura em teologia há quinze anos; aguardo a publicação desse livro com as *Actas do Congresso de Siena* (Música e a Bíblia), que me parece promissor face à competência dos participantes; escrevi algo e tive a oportunidade de dizer algo acerca do assunto em algumas intervenções na minha atividade pastoral e de ensino. Por isso, penso que a música não é apenas sagrada porque cobre um determinado texto, nem sequer porque é interpretada na liturgia, muito menos porque segue de perto a polifonia de Palestrina ou o canto gregoriano. São exemplos bem-sucedidos de música sacra porque amadureceram ao longo do tempo e da experiência humana de gerações e gerações, tanto no que respeita ao canto gregoriano cuja história se tornou um pouco viva, graças a Deus, como para a Polifonia, da qual Palestrina é apenas o génio ligado a uma cadeia de três séculos de vida e experiências (todas elas bem-sucedidas também, devo dizer...) criadas em lugares diferentes, de fontes muito diferentes, mas para o mesmo propósito. Mas a música, se for verdadeira, sincera na comunicação de Deus connosco e de nós com Ele, torna-se sagrada no momento em que é música. Cabe a esta Escola redescobrir o espírito da música sacra, fazer com que esses elementos que a tornam sagrada (depois de perfeita) fluam das nossas vidas e do ambiente criado e variado, e não repetir modelos, oferecer receitas, vender produtos, impor perspectivas pessoais...

Este último parágrafo parece bastante filosófico e até contradiz algumas das coisas mencionadas acima. Entretanto, o que lamento na minha experiência académica no PIMS e que critico na prática desta Escola é o facto de a filosofia que (não existe) sob a forma de uma escola de Música Sacra, não nos fazer saltar para essa segunda fase de estudo; e isto deve-se aos muitos vícios existentes na primeira fase e muitos outros talvez ainda mais graves.

ALGUMAS SUGESTÕES CONCRETAS

Resumindo algumas intervenções aqui e ali, consigo ou com outros professores, e para não dar a impressão de apenas criticar ou demonstrar apenas o lado negativo, com o qual seria injusto, ousaria expôr algumas ideias, mesmo sabendo que está a ser preparado um novo Programa (não percebo como é que os alunos não foram ouvidos de todo...), que me parecem pelo menos lógicas:

1. PROGRAMAS: Como não sei quase nada sobre quais serão os novos Programas (que, em cada ano que tardam, cinco ou seis se perdem...), vou apenas dizer o que penso:

a) CANTO GREGORIANO: é absolutamente necessário ter um curso introdutório no qual haja prática do solfejo gregoriano não só para ler bem na notação quadrada, mas também para dominar o verdadeiro sentido da modalidade, pelo ouvido, ao mesmo tempo que se deve conhecer boa parte do repertório, da salmodia, e também um pouco de história; aqui colocaria também as primeiras lições de direção gregoriana, que ajudariam a adquirir um domínio razoável ao nível do ritmo. Diria que alguns ensinamentos do Método Ward ou outros semelhantes que obviamente teriam de ser superados na fase mais profunda do contacto com os neumas, etc., não devem ser completamente descartados neste momento. Ao mesmo tempo, isto permitir-nos-ia conhecer a estrutura dos cânticos e até dos livros, bem como as funções litúrgicas; isto parece quase ridículo, mas parece-me que aprender tudo o que há para aprender no curso real (com todas as variantes, diferenças estruturais, escolas etípos de notação, etc.) juntamente com os elementos primários é demasiado confuso para principiantes. Devo dizer que o que é feito (ao nível do primeiro ano) não me parece suficiente, nem mesmo a vida litúrgica dentro do Instituto pode constituir uma forma de prática; não é muito aconselhável fazer o que foi feito, parece-me, neste ano (e com que objetivos?! de cantar Vésperas “para aprender a salmodia”... As Vésperas devem ser cantadas se se souber cantar. O mesmo se aplica à Missa que não deve transformar-se num exercício de prática gregoriano ou polifónica.

O restante deve ser mais identificado: modalidade; neumática; codicologia; Prática executiva (na minha opinião a parte mais fraca e deixada um pouco ao improviso). Todos deveriam então poder escolher qual a assunto aprofundar, em função das suas necessidades futuras, bem como às condições e orientações da Tese. Esta deveria ser realmente uma Tese (e feita por quem é capaz dela); Os professores que têm de a ler deverão estar preparados não só para ver os erros "tipográficos" e de "ortografia", mas também acerca dos temas (a nível histórico, musical, litúrgico, etc.) e não colocando tudo no mesmo saco. Pela minha experiência, vou levar algumas más memórias. A prática da neumática de *St. Gallen* é importante, e devo dizer que é uma das coisas mais bonitas que estudei aqui, porque sabia dela pouco mais do que algo teórico a partir da leitura de *Sèmiologie Gégorientne* de Eugène Cardine. Os resultados práticos, especialmente ao nível da Schola Cantorum Romana, são mais do que convincentes em muitos aspectos, embora nem sempre bem-sucedidos. Mas é assim e parece-me um dos pontos em que o senhor, como professor (como cantor...) deu algo novo e importante à Escola. No entanto, não me parece correto (e gostaria de enfatizar) que esta neumática constitua um elemento básico ou tão importante que o resultado de um exame dependa apenas dela, como está a acontecer agora, pelo que ouço. Talvez esse curso básico faça mesmo falta. Atualmente, nem sequer é possível ter tal prática corretamente no panorama escolar. Por isso, diria para todos fazerem esse Curso Básico porque uma grande parte dos candidatos nem sequer conhece os neumas... e então os neumas não devem tornar-se, como estão a ser, o bode espiatório para o outros males de que sofre o curso do Canto Gregoriano, como o PIMS em geral. Além disso, penso que

é importante fazer com que os estudantes do canto gregoriano “compreendam” de uma vez por todas que os neumas e os “cortes nemáticos” devem referir-se a uma melodia, a uma linha melódica e estes a um texto e tudo isto a uma Liturgia (para atingir esse nível de aparentemente “improvisação” que fomos atingindo e com o que tivemos algum sucesso na digressão pela Coreia). Em vez disso, quando ouço o Canto Gregoriano entoado, parece que vejo vários cantores, cada um por conta própria, a lutar contra as correntes de uma prisão chamada “corte nemático” ou repercussão... Talvez seja um pouco engraçado, não digo sarcástico, mas é essa a sensação que tenho. Quando, em muitos casos, vejo a regência (e não só de Canto Gregoriano) vejo uma pessoa que interpreta com gestos que não compreende os movimentos melódicos de um coro que vai por si só...

b) LITURGIA: Eu, com todos os defeitos de que pode enfermar, gostei do curso de Robert Skeris sobre "A Teologia da Liturgia e da sua Música". Revelou-me um mundo quase novo, apresentou-me as fontes e respondeu a muitas perguntas sobre o meu interesse particular pela relação entre Teologia e Música. Foi difícil, eu sei. Não era para todos. Entretanto, penso que seria um elemento a considerar seriamente. As orientações actuais, tanto quanto consegui apurar, são adequadas para um curso de Liturgia, mas aqui estamos num curso de música litúrgica: vi, no quadro de avisos, a referência a um exame sobre o *Sacramento do Matrimónio*: não compreendi sinceramente... E depois, quando os alunos de um curso de música litúrgica não sabem que uma solenidade tem três leituras, nem sequer sabem consultar um *Leccionário* (o que deve ser preparado!) ou que perguntam se o Presidente da celebração iria dar comunhão ao Coro no seu lugar... faz-me rir....

c) COMPOSIÇÃO: Deve-se distinguir entre aqueles que fazem Composição e devem seguir a composição de música sacra e aqueles que pensam apenas no Magistério no Canto Gregoriano. O curso deste último deveria limitar-se aos elementos fundamentais da Harmonia e alguns rudimentos apenas sobre o Contraponto, e não decorrer em classes conjuntas com os que escolhem Composição como objectivo principal que deverão ter mais tempo que de aula e contacto com os professores quer para preparar os trabalhos de casa. Também não se pode obrigar quem realmente quer fazer música a contemplar todos os dias até ao fim do ano os mesmos erros de pessoas que deveriam estar a fazer coisas bastante diferentes, ocupando a maior parte do tempo dos pobres mestres a repetir as mesmas coisas indefinidamente. Isto toca-me profundamente, devo admitir. Perdi (sim, porque nem sempre se aprende, na verdade fica-se zangado!) pelo menos uns oitenta por cento do tempo das minhas aulas de composição, nestes quatro anos, precisamente por causa disso. [A propósito: nestes últimos três meses em que estive sozinho com o Maestro Italo Bianchi, uma hora por semana, fiz: sonata, tema e variações, rondó, prelúdio e fantasia: todas formas que não são abordadas porque, dizem, não

há tempo... e continuando o trabalho normal de Fuga de que tinha que fazer o respectivo exame. Nesta, no entanto, tive a possibilidade de fazer tanto Fuga a modal como a dodecafónica; para vozes (normais), para cordas, para cravo e para órgão, para quatro e também para duas vozes... Tudo em três meses (Março, Abril e Maio). Meu Deus, quanto não poderia ter feito mais se me tivesse sido possibilitado.

Não concordo que o simples exame de uma disciplina signifique automaticamente a entrada na fase seguinte. Todo o mal vem deste mal-entendido. Promoção no Baixo Temático não significa capacidade para a Romanza, nem desta para a Fuga. De facto, sobre isto diria: o percurso de Romanza (que no fim não sabemos se é Romanza...) está realmente errado. Como lidar com a composição de uma peça instrumental, eu diria especialmente destinada ao Piano, por pessoas que não sabem tocar Piano, pior ainda, não conhecem o repertório pianístico a um nível suficiente? E depois, como abordar o trabalho de "desenvolvimento" de uma ideia musical, fundamental nesta forma e talvez mais difícil do que na própria Fuga? Acontece que pessoas que não conseguiram fazer uma Romanza em condições ao longo de todo o ano, são admitidas a exame e aprovadas... Claro que, honestamente, um Director tem de compreender e talvez perdoar tudo... Mas depois não me venha falar de "fazer música".

Falta uma abordagem das formas instrumentais, como já disse. A composição sacra, limitada ao Motete, Missa e Oratório, vista desta forma, não tem interesse. E depois, ensinar (e isto aplica-se a todos) não é apenas corrigir o que está errado. Pelo contrário, implica comentar o que se fez, dar as razões dos erros ou defeitos, apresentar sugestões, soluções, ideias para investigação, motivar, estimular a imaginação... Mesmo que não possa ser muito utilizado, por agora seria essencial estudar a expressão musical nas línguas modernas não se limitando ao clássico ou barroco; era exatamente isso que pensava encontrar aqui também. E não se podem limitar a fazer-nos acreditar na especial originalidade e fecundidade da linguagem "modal"; como todas as outras, tem seus limites e possibilidades. Eventualmente abordar a composição musical em línguas que não sejam o Latim.

Seria importante dizer que não é correto que a orientação, ao nível da composição, de uma escola de dimensões mundiais dependa apenas das ideias de uma pessoa, seja ela quem for, por inegáveis méritos que apresente: mas parece que todos os professores se esforçam por mostrar que é isso que acontece. Os estudantes são, por vezes, cobaias da competência ou não, e vítimas da competitividade, quiçá rivalidade, entre os professores. Uns conseguem fazê-lo gritando e mentindo, outros trabalham como loucos, forçados pelo receio de causar má impressão, e repetindo vezes sem conta o que poderá vir a ser pedido nos exames.

d) ÓRGÃO: Pelo que me foi dado observar, as coisas vão mudando para melhor. Antes de mais, é necessário elaborar um elenco de propostas de repertório, não dependente do capricho de um professor, para a elaboração do programa e acesso aos exames. E não devem ser igual, todos

os anos, para todos os alunos, conforme o professor... Actualmente, em certos casos, em função do professor com quem se trabalha, já se pode adivinhar o repertório que cada um vai tocar... Nem sempre me parece que os programas sejam propostos e seguidos com base num critério de dificuldade progressiva, e de acordo com as possibilidades e limites de cada estudante. Seria melhor tocar pequenas peças e bem do que apresentar grandes peças nas audições ou no exame, mas fazer o músico suar o tempo todo, e muito mais especialmente o ouvinte.

Falando em ouvir, penso que uma das coisas mais sérias no curso de Órgão, como noutros de natureza prática e musical, é a falta de audições públicas... Um ensaio para a escolha do "melhor" não é a melhor opção. Todos deveriam ter o momento de tocar em público, ainda que apenas diante dos colegas, mesmo que seja o *Exercício* ou *Estudo* mais simples, ou a *Tocata para a Elevação* de Zipoli... Mas não se entregue um pobre organista às feras pela primeira vez perante uma plateia à espera de uma demonstração do nível que deverá oferecer esta escola. Que haja testes internos, pelo menos um por trimestre, para superar o medo... isto é fundamental e, medo ou nervosismo, aqueles que não os têm, venham contar-me, até qualquer professor da nossa escola. Mais grave ainda é o facto de que Diplomas são atribuídos, ainda que de Órgão Litúrgico, a pessoas que nunca foram ouvidas a tocar em público e realmente não conseguiriam fazê-lo.

Sinceramente não sei o critério pelo qual os programas e termos dos Cursos de Órgão Complementar, Litúrgico e Principal são definidos. Só sei que o regulamento que ainda está em vigor não está a ser respeitado. Nem sequer percebo como eu e outros "graduados" em Órgão Litúrgico somos impedidos tanto de continuar a estudar como de frequentar as aulas, ao mesmo tempo que há pessoas que ocupam professores e tempos de aula há anos sem fazerem nada que se veja; e outros que parecem ter entrado pela cozinha, porque não os vejo nas atividades da escola para além dos ensaios finais... Honestamente, não estou disposto a exigir muito mais para mim neste nível porque conheço os meus limites, especialmente no que toca à falta de visão. Pelo contrário, no Órgão, embora tenha estudado Piano, nem sequer pensava conseguir chegar onde cheguei; por isso o Maestro A. Cerroni tem um grande mérito, mas o que aconteceu este ano não me parece correcto].

2. EXAMES: Muito já foi dito antes. Estamos perante um sistema a ser revisto de cima a baixo: Para COMPOSIÇÃO, o número de horas para cada teste é arbitrário: 10 horas para *Baixo Temático* são suficientes; para dois *Contrapontos simples* é demasiado, tal como é demasiado para a *Melodia acompanhada*, se realmente não se fizer um verdadeiro acompanhamento de Piano, algo que poucos conseguirão fazer. Para o *Romanza*, 14 horas é muito pouco, já que são necessárias pelo menos duas para fazer a cópia a limpo (e depois, como se sabe, no Verão não correspondem realmente a esse número de horas; é quase impossível trabalhar, com o clima de Maio e Junho, em Roma, entre a uma e as três horas da tarde. Em minha opinião, seria dividido

em dois dias, como para a Fuga, e com 10 horas em cada dia. O *Contraponto duplo* (para cuja importância tenho algumas reservas, 14 horas é demasiado. No meu caso, fiz uma aposta com o Maestro Italo Bianchi em que o faria, com êxito, em 5 horas. O resultado não podia ter sido melhor... A avaliação talvez... É o sistema de avaliação que me parece estar desatualizado: não é justo fazer com que o resultado de um ano lectivo dependa apenas do exame; o estudante não deverá ser avaliado por pessoas que nem sequer nos conhecem, que não conhecem o seu verdadeiro valor, a assiduidade na presença, a regularidade na entrega dos seus trabalhos e a qualidade dos mesmos; não se pode avaliar um aluno em Composição como se fosse um exame de Matemática, dependendo por vezes de um qualquer erro...

No contexto dos exames, o sigilo não é respeitado como me foi dado verificar. Para resolver este problema, poderia ser feito: escolher vários temas, previamente aprovados pela Comissão, e depois, na presença dos estudantes, sortear um ao acaso; estes temas também poderiam ser de diferentes tipos. Pelo menos quem quisesse “preparar” algo teria que se dar a muito trabalho... Os critérios de avaliação e atribuição de notas, parecem depender da disposição dos professores no momento, de alguns sorrisos hipócritas diante deles; penso não exagerar se estou a falar de “subornos” mesmo que não envolvam dinheiro... não faltava mais nada!... Os limites de avaliação positiva de 6 a 10 são demasiado estreitos e, pior ainda, quando são reduzidos de 8 para 9,5. Grande parte do que resulta das avaliações nesta escola pode ser considerado verdadeiramente escandaloso, especialmente ao nível da composição. Perguntaria à comissão o que mais é preciso para ser atribuído o 10 ou para ser reprovado. Isso não importa... É verdade. Uma ninharia... Está bem. No entanto, se falta alguma coisa, que me digam e, acima de tudo, que me ensinem!! E não deixem que certas pessoas venham ter connosco com discursos, que não têm o direito de nos julgar ao nível das coisas que não ensinaram! Isto é escandaloso, é sério.

Os exames de Órgão deveriam respeitar um programa mínimo decente, aprovado pelo conselho de organistas, com o qual o aluno deve contar tanto como ponto de referência para estudo no início do ano como sugestão de programa. No final, a partir de uma lista mínima de peças, a comissão escolheria aquelas que devem ser tocadas, de acordo com as possibilidades e limites que cada uma considerou individualmente; mas também isso deve ser tido em conta na avaliação. Não pode acontecer que se leve a exame um bom programa de segundo ano, mais ou menos, decorado e ensaiado durante anos... e depois se avaliado e aprovado num exame de quarto ano com esse programa.

Os exames orais em Música deveriam ser públicos. Não percebo porque é que um exame para uma actividade naturalmente pública é feito em privado. Falo concretamente do Magistério em Canto Gregoriano, de Órgão, pelo menos litúrgico; gostaria que muita gente pudesse presenciar os ridículos exames orais de Harmonia e Contraponto. Se fossem públicos, creio que muita coisa seria diferente. E “os pensamentos de muitos corações seriam revelados”... Não se pense que

as pessoas que vêm para aqui estudar são crianças do ensino básico. E que os professores pensem que também terão muito a aprender com os alunos... Mesmo ao nível dos exames.

3. DIVERSOS: Terão de repensar o problema da MÚSICA DE CONJUNTO: melhorou a nível técnico-vocal, mas prevalece a mentalidade anterior. Se for obrigatório, que seja mesmo para todos. Se não, então limite-se à prática voluntária de música coral e talvez instrumental, dependendo de quem quer estar presente algumas horas por semana e da orientação do professor. Mas não se pode continuar a ensaiar um programa para uma atuação, durante meses ou a preparar Missas que se tornam concertos frustrantes e que até impedem a oração. E depois: lamento muito ter participado no Concerto Finla de ano, no Pontifício Instituto de Música Sacra, cantando a mesma *Missa* que há quinze anos cantei, toquei e dirigi na liturgia do Seminário Maior. Creio que estamos a regredir....

Relativamente à aula aberta de POLIFONIA PALESTRINIANA, que não é de Direção Polifónica, haveria muito a dizer, mesmo que eu sinta o prazer de, da minha parte, ter feito algo para melhorar. Primeiro, que seja verdadeiramente polifonia, mas não só polifonia de Palestrina, nem sequer romana, nem sequer italiana. Se não houver alunos que possam dirigir, que seja dirigida pelo professor. Não estou a dizer para ele ensinar a TÉCNICA DE REGÊNCIA. Esta deveria ter um tratamento à parte, um curso apropriado, que também cá falta, e não logo com polifonia, que é a coisa mais difícil de dirigir. A aula de Polifonia quase assume a dimensão de “espelho” de “imagem” do PIMS... Muitos vêm lá para ver, para compensar a nostalgia, dizendo por vezes que noutros tempos era melhor. Pessoalmente, considero este aspeto interessante e bonito. Mas não nos façam repetir as mesmas peças anos a fio; mudou-se um pouco, nos últimos anos, mas correndo o risco de fazer depois as audições sem tempo suficiente para as preparar. E acima de tudo que os alunos, que querem dirigir para depois se apresentarem como Maestro, sem sequer saberem ler uma partitura a quatro vozes, nem como dar correctamente o tom; não gozem connosco, repetindo durante semanas os *Responsórios* de Ingegneri ou o *Motete "Sicut cervus"* de Palestrina. Mesmo assim, erram no compasso e, como em muitos casos, escolheram aleatoriamente uma partitura a dirigir só porque já existem as cópias feitas, mas sem terem olhado para ela e sem avaliarem o respectivo grau de dificuldade... Várias vezes isto aconteceu este ano, para não falar das coisas mais sérias que certamente sabe. Outras coisas ainda teriam de ser reportadas, mas certamente serão menos importantes, por isso abstenho-me de o fazer.

CONCLUSÃO:

Isto que deveria ser uma simples carta – onde, como me pediu, eu colocaria por escrito algumas questões que lhe apresentei oral e pessoalmente – tornou-se numa reflexão minha sobre muitas coisas acerca da vida e da minha experiência pessoal no PIMS. Constitui um desabafo, depois de

tantas coisas passadas e sofridas por alguém que, embora resmungue de vez em quando, mostrando um rosto menos agradável e um olhar reservado e crítico, nunca deixou de assumir a responsabilidade (até arriscando apresentar publicamente coisas não convenientemente preparadas, para salvar a face de alguém) nem faltar às aulas, sofrendo como ele próprio sofreu. Tentei ser sincero mesmo quando tinha de dizer "não", deixando em certo momento, algo que pessoalmente considerava o mais importante, com foi o caso da *Schola Cantorum Romana*. Muitas vezes me desafiaram-me a escrever... Finalmente, porque tempo de dizer “basta”, decidi fazer este “Relatório”...

Por fim, devo dizer que a grande maioria das coisas que conto não são apenas opiniões pessoais, mas são expressão do pensamento de muitos alunos, antigos e atuais, da Escola. O que é puramente pessoal deixo para trás, mesmo que deva dizê-lo... mas ficar simplesmente calado não ajudaria nada às mudanças necessárias na Escola, e espero que possam acontecer o mais breve possível.

Devo também dizer: não é porque estou para me ir embora que me decidi a escrever estas coisas para si, uma razão que alguns apresentarão para esta minha posição; devo antes dizer que estou para me ir embora porque já vivi todas estas coisas. Estou cansado. Quase não acredito que algo possa mudar em breve. Há dois anos, disse ao meu Bispo: "se as coisas não mudarem, voltarei à Diocese daqui a dois anos, e não daqui a cinco como estava previsto de início. O esforço que estou a fazer a nível da saúde, da família, a nível económico, meu e da Diocese, não se justifica; nem sequer o esforço e a sobrecarga pastoral de outros padres da Diocese". As coisas não mudaram. Até me foi dito que sou eu quem tem que mudar e não a Escola. Resigno-me, mas não estou convencido. Mas se é disto que a Igreja precisa – não acredito – tenho de aceitar. Mas à desilusão deverei acrescentar paz de consciência. E já a tenho.

Peço desculpa se o fiz perder tempo, sem tirar proveito disso. Mas foi apenas o sentido de serviço à seriedade de uma causa comum que me levou a dedicar parte do meu tempo a este assunto e a confiança que mantenho em si quanto à possibilidade de melhorar a vida e a missão do Pontifício Instituto de Música Sacra. Muito obrigado por tudo o que recebi, especialmente pela sua disponibilidade pessoal, e por uma boa vontade que nem sempre teve sucesso devido à fraqueza de alguns e à maldade e irresponsabilidade de outros.

Roma, 7 de junho de 1992

Jorge Alves Barbosa